



## A CURA ESPIRITUAL: O TRATAMENTO DE ESPÍRITO NA CASA DE CURA DE DONA NECA<sup>1</sup>

GT 19: Pedagogia, ética e religião

**Lucielma Lobato Silva**

Doutoranda em Antropologia (PPGA/UFPA)

Universidade Federal do Pará

[lucielma.lobato@gmail.com](mailto:lucielma.lobato@gmail.com)

### Resumo

Este trabalho tem por objetivo entender um dos processos de cura desenvolvidos na Casa de Cura de Dona Neca, localizada no Rio Urubuéua Fátima, região de ilhas do município de Abaetetuba, mesorregião do nordeste paraense. Por casa de cura, entendemos como sendo o local em que se trabalha rituais de Pajelança, pois é essa a denominação dada pela própria dona do espaço sagrado. Nesse espaço são feitos vários rituais em busca da cura física ou espiritual, o que me debruço a entender é o tratamento espiritual, onde uma pessoa acometida de por “espírito ruim”, ou seja, que incorpore seres extra-humanos, é tratada para afastá-los ou para se tornar uma nova médium ou nova pajé. E por meio de um intenso processo que o indivíduo se torna um pajé ou pelas falas de Dumont (1986), se torna uma “pessoa”. Sendo um desses processos, as constantes incursões ao fundo dos rios quase sempre levadas incorporados pelos espíritos e guias, semelhante ao que Wagley (1957) observou em Itá, onde os pajés “são reconhecidos pelo grupo como capaz de realizar incursões ao fundo dos rios, local de morada dos encantados”. Assim, este trabalho discute o processo de cura espiritual desenvolvido na casa de cura de Dona Neca no intuito de entender a relação estabelecida com a cultura e com a sociedade como formas de tratamento que diferem dos processos científicos vigentes.

Palavras-Chave: Cura, Ritual e Pajelança.

### Introdução

Nas ilhas de Abaetetuba a Pajelança é uma prática ritualística florescente quanto aos seus rituais de cura, uma vez que é grande o número de pessoas que vão em busca de cura física e espiritual. Nos trabalhos ritualísticos de cura de pessoas que procuram ajuda e auxílio na casa de cura de Dona Neca é possível perceber os mais variados rituais feitos pela pajé, para os mais diversos problemas, com um ritual sempre movidos pelas entidades que incorporam a pajé. Por meio do corpo da pajé as entidades realizam suas atividades e fazem todo o trabalho de cura.

---

<sup>1</sup> Trabalho fruto de pesquisas que tenho desenvolvido no doutorado em Antropologia pela Universidade Federal do Pará



A pajé dona Neca afirma: “eu faço os trabalhos para quem aparecer aqui na minha porta, mas esse trabalho é sempre para fazer com que a pessoa se livre dos mais diversos problemas, seja panema, mau olhado, doenças do corpo ou mesmo feitiço”. Dona Neca, ainda menciona: “mas tem gente que chega aqui também com problemas como: flechada de bicho, mundiação de bicho do fundo, encantamento da mãe da mata, e uma infinidade de problemas chegam aqui com a esperança de cura, aqui nós cura mesmo”.

Diante disso, este trabalho tem por objetivo apresentar a maneira pela qual é feito o tratamento de cura de um procedimento de cura que é o contrafeitiço, isto é, a retirada de um feitiço do corpo de uma determinada pessoa que se encontre acometida de tal enfermidade. Essa questão se processa desde o momento em que o indivíduo é diagnosticado com o feitiço até a finalização do ritual por meio dos banhos de ervas feitos pela pajé, os quais são levados para a casa do enfermo.

Assim, os rituais de cura na Pajelança ribeirinha de Abaetetuba nos mostram como os indivíduos têm imenso respeito e necessidade deles, pois essa pajelança de cura desenvolvida por Dona Neca tem movido muitas pessoas que diariamente chegam acometidas por alguma doença e que em quase todos os trabalhos são curadas. Por isso, a população respeita essa casa de cura e ao mesmo tempo se utiliza de tais serviços para resolver situações diversas.

## 1. Xamanismo, pajelança e cura

A cura xamânica é uma prática recorrente em diversas sociedades e em vários tempos históricos. Na Amazônia ela tem sido apresentada tanto no meio urbano quanto no meio rural. As definições dela nos apontam para as “técnicas do êxtase” (Eliade, 1998). Para o autor Baldus o xamanismo é uma forma de êxtase em que o indivíduo consegue fazer diversas viagens e possessões, sendo por esse autor considerada uma “arte da transformação”:

O xamanismo é uma instituição social cujos representantes através do êxtase produzido segundo padrões tribais, entram em contato com o sobrenatural a fim de defender a comunidade de acordo com suas respectivas ideologias religiosas, seja por viagens a mundos do Além, seja pela possessão por espíritos (BALDUS. 1965/66: 187).

Segundo Mircea Eliade (2002: 22), a pessoa considerada xamã é aquela que possui as técnicas do êxtase. Dentre os conhecimentos de tal técnica, está o chamado “voo xamânico”, no qual o xamã “... é o especialista de um transe durante o qual, acredita-se, sua alma abandona o corpo para empreender ascensão ao céu ou descenso ao inferno” (2002:23). Outra questão referente a essa técnica do êxtase é a sua relação com os diversos espíritos, de



Desafios pedagógicos de uma sociedade em transição  
maneira que o xamã tem o privilégio de conversar com espíritos de mortos, com demônios e

com os espíritos da natureza:

“O xamã domina seus 'espíritos', no sentido em que ele, que é um ser humano, consegue comunicar-se com os mortos, os 'demônios' e os 'espíritos da natureza', sem converter-se por isso em instrumento dos espíritos" (1998:23). Considera que “xamãs possuídos” são “exceções aberrantes” (1998:23).

Para Marcel Mauss (2003, p. 71) o xamã é:

Em geral, todo indivíduo que tem o poder de exalar sua alma é um mágico; não conhecemos exceção a essa regra. Sabe-se que esse é o princípio mesmo de todos os fatos geralmente designados pelo nome, bastante mal escolhido, de xamanismo.

A pajelança é considerada, por vários pesquisadores<sup>2</sup> uma forma de xamanismo e, segundo Galvão (1955), é muito praticada na Amazônia paraense. É uma prática ritualística que na maioria dos casos é mais encontrada nas regiões rurais. Para Galvão, a mesma tem origem na pajelança dos índios dos grupos tupis, que é resultado da reelaboração de crenças e práticas católicas, kardecistas e africanas, recebendo posteriormente forte influência da umbanda. Em uma de suas definições Galvão (1955, p. 45) afirma ser a pajelança “um complexo de práticas mágicas que se baseia no poder de determinados indivíduos, os pajés”.

## 2. Tratamento e a busca da saúde: “ela que cura”!

O trabalho iniciou às 18:00 horas do dia 20 de julho de 2016, alguns familiares de seu Manoel estavam presentes, sendo eles, sua esposa, dois filhos e uma nora. Seu Manoel foi posto deitado em uma esteira com os pés para a porta. Dona Neca disse: “você vai se deitar com os pés para a porta, porque tudo o que foi feito pra você será desfeito agora e vai logo saindo por essa porta da frente, pra não fazer mais mal para ninguém”. E assim se fez, seu Manoel deitou na esteira com os pés para porta. O trabalho teve início com uma oração e logo em seguida Dona Neca foi incorporada por Seu Tupiaçú.

Em sua chegada: “Boa noite povo dessa casa, boa noite moça dos papel, boa noite Manoel e familiares, hoje o trabalho vai ser bom, muita coisa pra fazer porque o que te fizeram foi mesmo pra te matar, viu Manoel. É muita inveja, porque teus negócios estavam crescendo, as coisas dando certo, e tem um homem que não se conformou e mandou te aprontar”. Em seguida, ele respirou firmemente e disse: “mas aqui nós derruba mesmo qualquer feitiço, aqui a pessoa se cura”.

---

<sup>2</sup> Como Galvão (1955), Maués (1990), Villacorta (2011), dentre outros.



A entidade realizou diversas orações e começou a suar intensamente. A medida em que as orações terminavam, iniciavam-se outras. Com o término de uma quantidade enorme de orações ditas em um tom de voz muito baixo, a entidade apanhou uma faixa de tecido azul com seu nome, esse é um instrumento de trabalho deveras importante, chamado espada, um escudo que a pajé incorporada amarra na barriga do enfermo. A partir desse momento seu Manoel começou a suar muito, assim como a pajé possuída por seu Tupiaçú.

Enrolado pela espada seu Tupiaçú ordenou: “Antônio (assistente e esposo de Dona Neca), me traga o cigarro e a cachaça. Agora vou retirar a malinesa que fizeram pra esse homem, o trabalho já foi desfeito, foi quebrado, mas eu preciso retirar o que colocaram na barriga dele”. Com os cigarros e a cachaça em mãos a entidade fumava os cigarros e soprava na barriga do doente, fez isso utilizando duas carteiras de cigarro. Nesse mesmo momento o incenso não parava e todos estavam bastante atentos para tudo o que estava se passando.

Com o passar das horas o doente aparentava estar mais doente, pois as dores aumentavam. A esposa de seu Manoel perguntou: “por que o Manoel está sentindo tantas dores? Parece que a situação está ficando pior, está piorando, pelo amor de Deus eu não aguento mais isso!” Seu Tupiaçú parou as sessões de cigarros baforados em Manoel e disse: “a doença está enraizada na barriga desse homem, eu estou trabalhando para fazer com que essa doença saia e por isso a dor que ele está sentindo e não tem outro jeito, se vocês me autorizarem eu paro com o tratamento aqui, mas ele não passa de amanhã vivo”.

Nesse momento os filhos exigiram a continuidade do trabalho. Seu Tupiaçú deu continuidade no mesmo, e exigiu que “coloquem logo mais incenso no fogareiro, quero bem fumaça aqui”. Em seguida pegou a cachaça e desenrolou a espada do corpo de seu Manoel, e passava o líquido na barriga do doente em um movimento circular, e em seguida fazia movimentos como se estivesse arrancado algo da barriga do paciente. Ao passo que a entidade fazia isso, cada vez mais o paciente chorava e gritava de dores intensas, a esposa e a nora choravam ao ver a situação terrível que se encontrava seu Manoel.

Com o último líquido da cachaça seu Tupiaçú parou e olhou para todos os presentes afirmando: “já está quase terminado, vou explicar o que aconteceu, havia um homem para esse lugar aí do Marajó onde o Manuel vai buscar madeira, que era até bem de vida, mas ele começou a quebrar, porque se meteu com mulheres e acabou com tudo que tinha”. E continuou o relato “ele sentia uma inveja grande de ti Manuel, que ao contrário dele estava ficando bem na foto, fazendo a mesma coisa que ele fazia, então ele procurou uma pessoa que



fez pra ele um trabalho pra te matar, trabalho com terra de cemitério, velas coloridas, comidas e bebidas que foram oferecidas para tua morte”.

A entidade exigiu de seu assistente: “me traga uma vasilha de alumínio e mais uma garrafa de cachaça”. Com a chegada do material solicitado, Tupiaçú afirmou: “eu vou retirar a doença do corpo desse homem agora, o feitiço foi quebrado, eu fiz o contrafeitiço que é a quebra do feitiço, mas tenho que tirar a doença da carne dele. Então quem não aguenta sai, vá esperar lá fora”.

Como ninguém saiu, a entidade colocou uma certa quantia de cachaça em sua boca gargarejou e cuspiu na barriga de Manoel, fez isso várias vezes. Em seguida começou a chupar a barriga do paciente. A medida que a entidade fazia esse processo, mais o doente gritava de dor e seus familiares choravam e se desesperavam. A esposa aos prantos dizia “o Manoel é uma pessoa tão boa, meu Deus porque razão fizeram isso pra ele?”

Após alguns minutos a pajé incorporada começou a cuspir dentro da vasilha solicitada para o seu assistente uma espécie de baba branca que ia saindo de sua boca. Devido às constantes sucções na barriga de Manoel o que saía da boca da pajé incorporada era uma espécie de espuma cada vez mais grossa e embranquecida. As cuspidas na vasilha se tornavam mais intensas e quando ela estava quase não cabendo mais nada a entidade parou e disse:

Agora sim, homem, você está curado, com a graça de Deus você está curado não foi fácil, mas eu consegui arrancar de sua barriga essa doença que ia certamente te matar. Esse homem é mesmo teu inimigo, porque fazer uma coisa dessas tão terrível contra seu semelhante, tem que ser um alguém que realmente te odeia

Sendo assim, este trabalho se preocupou em entender uma das práticas de cura feitas na casa de Dona Neca, que é o contrafeitiço, processo através do qual é derrubado o feitiço que fora feito para uma determinada pessoa, o qual deixou-a profundamente doente. Esse tratamento é executado a partir da realização de um certo diagnóstico no enfermo, que é a benzeção, momento em que ela vai enxergar o que levou a pessoa a estar na condição de doente. Após esse processo é feito o trabalho de cura comandado por uma determinada entidade espiritual, a qual guia os passos que devem ser tomados para que a cura seja alcançada.



BALDUS, Herbert. O xamanismo. Revista do Museu Paulista. N. S.. vol. 16, São Paulo. 1965/66.

DUMONT, Louis. “Introdução”. “Gênese”. I. Do indivíduo fora do mundo ao indivíduo no mundo”. IN. *O Individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro: Rocco. 1985.

ELIADE, M. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes 2002.

GALVÃO, Eduardo. *Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas*. 2ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

WAGLEY, Charles. *Uma comunidade amazônica*. Brasiliense 290. Editora Nacional, São Paulo, 1957